

## CIDADES

A INAUGURAÇÃO DA NOVA CAPITAL,  
EM CRÔNICA DE NELSON RODRIGUESBRASÍLIA  
COMO ELA É

CONCEIÇÃO FREITAS

DA EQUIPE DO CORREIO

**M**esmo depois de quase 45 anos, sempre havia alguém citando trechos da crônica de Nelson Rodrigues sobre a inauguração de Brasília, texto publicado na edição de 22 de abril de 1960 do jornal *Última Hora*. Ruy Castro fez rápida referência a ela em *O Anjo Pornográfico*, mas a crônica não consta de nenhuma das coletâneas do autor recentemente publicadas. Para ter acesso a ela, é preciso recorrer aos (raros) arquivos e bibliotecas públicas que possuem cópias das edições do jornal no período. A crônica muito comentada, porém pouco lida, foi publicada na página 2, em chamada de primeira página que àquela dia dedicou-se inteiramente à inauguração da nova capital.

O filho mais velho do escritor, o cineasta Joffre Rodrigues, autorizou "honrosamente" a publicação da crônica no *Correio*. Lembra que neste 2005 se comemora os 45 anos de Brasília e se celebra os 25 anos da morte de Nelson. À época um estudante de 19 anos, o filho mais velho do dramaturgo também veio assistir à inauguração da nova capital, junto com dois amigos. O pai veio com os militares do CPOR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva). Nelson percebera que a nova capital incutiu no país um orgulho de ser brasileiro e queria ver isso de perto. O filho também se deu conta de que não podia perder aquele momento histórico. "Eu achava duca essa história de construir uma cidade. O cara [Jusceli-

no Kubitschek] deu à gente um novo ânimo de vida", diz Joffre. No final do mês, ele lança em Paris a versão cinematográfica de *Vestido de Noiva* (Marília Pêra e Letícia Sabatella estão no elenco).

Dois críticos literários, Ligia Cadematori e Fernando Marques, comentam a crônica de Nelson sobre Brasília. Ligia se surpreendeu com o fato de o cronista, "tão acentuadamente carioca, que sempre se pautou pela louvação ao Rio de Janeiro, tenha se encantado com uma antítese do Rio". Da praia à poeira, da cidade antiga à moderna. Quando se refere ao pipi das moças e ao pó de Brasília, Nelson confirma seu estilo. Ele "enquadra a vida como ela é, a vida crua, subvertendo qualquer possibilidade de solenidade e de convenção".

Autor de uma tese de mestrado que investigou o humor nas tragédias de Nelson Rodrigues, Fernando Marques reconheceu, na crônica, o mestre em grande forma, "quando usa brilhantemente o seu poder de transmutação" (ao, por exemplo, chamar os ônibus de "briosas carroças encantadas") e quando equipara o chão do planalto ao céu místico. Do ponto de vista político, é o Nelson nacionalista que dá aos brasileiros sua justa dimensão épica, "de quem merece se colocar na vanguarda da civilização". Os brasileiros, diz Marques, "somos um entroncamento originíssimo de cultura. Isso tinha de dar samba e Nelson viu isso num momento tão polêmico quanto o da inauguração de Brasília".

Douglas Ferreira da Silva/O Cruzeiro/Arquivo Estado de Minas/1.872

